

QUE CABELO É ESSE NO PAGODE DA BAHIA

Jeane de Jesus Bispo

RESUMO

Neste artigo, analisaremos três letras de música do pagode da Bahia (*Pranchina – Fantasmão; Escovadinha – Psirico; Vaza Canhão – Black Style*), as quais apresentam trechos sobre o cabelo crespo. O objetivo deste trabalho é relacionar discursos e fatos históricos com letras de músicas produzidas na atualidade. Para que o objetivo da pesquisa seja alcançado, revisamos algumas produções situadas no campo dos estudos culturais e histórico. Portanto, este trabalho se classifica como bibliográfico. Apresentaremos alguns fatos que julgamos importantes para contextualizar a nossa pesquisa, por exemplo: a escravização, a abolição da escravatura, a luta dos movimentos negros a partir da década de 60, os produtos direcionados aos negros e o preconceito no ambiente escolar. Esse percurso é necessário não só por situar a pesquisa nos estudos sobre Identidade e/ou Cultura, mas também por verificar e comprovar que os estereótipos criados no passado permanecem de maneira explícita ou não nos discursos que circulam na atualidade.

Palavras-chave: Cabelo crespo. Preconceito. Pagode.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de uma reflexão sobre a representação do negro no pagode da Bahia. Como mulher negra, até aquele momento, não havia letras desse ritmo musical tão forte nesse Estado que representasse de forma não preconceituosa o povo negro, sobretudo a mulher negra. Para exemplificar essa reflexão, este artigo percorrerá o seguinte caminho:

Faremos uma breve explanação sobre o período escravagista, a visão sobre o cabelo crespo no ambiente escolar, os produtos criados para a população negra com o objetivo de acabar com a discriminação, o movimento black power, conceitos de identidade, o pagode na Bahia, o cabelo crespo no pagode da Bahia e, por fim, as considerações finais.

Este trabalho é classificado como bibliográfico e, para alcançarmos o objetivo de constatar que os discursos pejorativos ainda circulam na atualidade, apresentamos 03 letras de música do pagode baiano e os relacionamos com acontecimentos históricos.

2 CONTEXTUALIZANDO: BREVE HISTÓRICO SOBRE O NEGRO

“[...] o cabelo crespo é um dos traços tomados como expressão da identidade negra.” (GOMES, 200-?., p. 2). Para iniciar tal discussão, faz-se necessário contextualizar como o negro¹ foi visto em alguns momentos históricos. Para isso, citamos alguns fatos que julgamos importantes, por exemplo: a escravização, a abolição, a luta dos movimentos negros a partir da década de 60, os produtos direcionados aos negros etc.

O tráfico negreiro teve início ano 1532, da África para o Novo Mundo vieram negros de várias origens, segundo Silva (2012), “[...] a contabilidade oficial estima que, entre essa data e 1850, algo como 5 milhões de escravos negros entraram no Brasil. Porém, alguns historiadores calculam que pode ter sido o dobro.”. A maioria dos escravizados eram vendidos e tinham o preço definido pelas suas características físicas, por isso, para manter uma “boa aparência”, “[...] ilustravam seus dentes, raspavam os seus cabelos, aplicavam óleos para esconder doenças do corpo e fazer a pele brilhar, assim como eram engordados para garantir um bom preço.” (SILVA, 2012). Foram mais de 380 anos de escravização, anos que não foram aceitos de forma passiva, ao contrário, muitos negros escravizados manifestavam sua insatisfação fugindo, formando quilombos ou até mesmo cometendo suicídio, porém foi após a abolição da escravatura (1888) que as lutas por uma sociedade igualitária se intensificaram.

Dando um salto histórico, podemos citar com uma dessas lutas o forte movimento a favor da descolonização dos países africanos, na década de 60.

Após a Segunda Guerra Mundial surgem movimentos interafricanos de libertação nacional que dialogam com o mundo, especificamente a França e a Grã-Bretanha. Estes movimentos como Negritude, o Pan-Africanismo e a OUA (Organização da Unidade Africana) causam uma repercussão em todo mundo, buscando que a África seja vista pelos olhos dos africanos e ao mesmo tempo influenciam os negros espalhados por todo o mundo para que passem a lutar por melhores condições de vida e a aquisição de direitos os quais antes não possuíam. Esse processo é a descoberta do africano como ele mesmo e não mais como o outro como foi posto pelos colonizadores. (COUTINHO, 200-?. p. 1-2)

¹ Como sabemos o cabelo crespo é uma das principais características da população negra, por isso, a importância em citar alguns acontecimentos históricos.

A luta dos movimentos não se restringiu à busca por uma sociedade igualitária, buscavam-se, também, valorização e respeito pelos traços da negritude, como sabemos, ainda fazem piadas com a cor de pele preta, o nariz largo, os lábios grossos e, principalmente, com o cabelo crespo.

1 QUE CABELO É ESSE? O PRECONCEITO NO AMBIENTE ESCOLAR

Sobre o cabelo crespo, percebemos que é no ambiente escolar, um dos primeiros lugares onde as crianças se relacionam com o outro e passam a conviver com a diferença, que o cabelo crespo é associado a elementos que depreciam a sua imagem e a imagem dos que o possuem. Os adjetivos mais frequentes na escola e fora dela são: cabelo **pixaim**, **ruim**, **bombril** ou **duro**, expressões que podem influenciar negativamente na autoestima da criança negra. Pensamos que este quadro pode ser revertido com a implantação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Essa lei implicará mudanças não só nos educandos, mas também nos que educam já que os adjetivos pejorativos, muitas vezes, são proferidos pelos próprios educadores.

As assistentes, responsáveis pelo cuidar, que inclui dar banho e pentear, apelidaram algumas cabeças de “fuá”, provavelmente porque, para elas, esta palavra define o embaraço dos cabelos despenteados. Mas, na realidade, a palavra “fuá” apresenta vários significados: intriga, fuxico, caspa, doença de pele produzida por piolhos, pó finíssimo que se desprende da pele arranhada... Estes significados não são positivos e reforçam pejorativa e negativamente a idéia de que as crianças afro-descendentes têm “cabelo ruim”. (MALACHIAS, 2009, p.12)

O que foi exposto no parágrafo anterior pode despertar o desejo de inserção num padrão de beleza europeu, e uma das formas mais recorrentes para isso começa pela cabeça, ou seja: o tratamento químico, a chapinha, a escova ou todos juntos. A decisão de qual método utilizar ou mesmo a coragem para a mudança nem

sempre é fácil, mas são apoiadas nas queixas e no resultado que em teoria será alcançado, que muitas mulheres² optam pela mudança.

4 O QUE FAZER NESSE CABELO?

São muitas as queixas das mães e das crianças. As primeiras reclamam do “trabalho” para desembaraçar e pentear os cabelos das filhas, e as segundas reclamam dos puxões e das tranças que carregam. As trancinhas, muitas vezes, reforçam os discursos pejorativos. É nesse contexto que surge como opção o tratamento químico, direcionado a pessoas que possuem: “cabelos grossos e resistentes”, “cabelos muito crespos e volumosos” prometendo: “alisar e deixar macio”, “deixar o cabelo com balanço e brilho sem agredir os fios”.³ Para ter o cabelo prometido das caixinhas de alisantes, permanentes etc. muitas adolescentes, jovens e adultas se rendem a essa opção de tratamento, manipulando quimicamente a estrutura do fio. São muitos os tratamentos que prometem resolver o problema (para os que acham que têm) do cabelo crespo.

Na década de 60, nos Estados Unidos da América, “a *Fuller Produces Company* faturava em torno de dez milhões de dólares com a venda de cremes para branquear a pele e alisar o cabelo, o que numa visão extremamente ingênua (ou oportunista!) da empresa, acabaria com a discriminação.” (MACEDO, 2009). Em contrapartida, surgiam movimentos contra o preconceito sofrido pelos negros, entre esses destacamos o black power: “O termo black power (em português, Poder Negro) vem do movimento negro mundial, que nasceu no final dos anos 1960, nos Estados Unidos. O movimento enfatizava o orgulho racial e a criação de instituições culturais e políticas que promovessem os interesses da população negra norte-americana. A expressão identifica também o penteado afro volumoso e arredondado, muito usado pelos negros nos anos 70 [...]” (GREGORI, 2010). Desde então, diversos produtos para tornar o cabelo crespo macio, com brilho e fácil de pentear vêm sendo desenvolvidos, o mercado cresce, pois há consumidores. Não é

² Neste trabalho escolhemos as mulheres, pois essas são mais cobradas socialmente para manter os cabelos dentro de um determinado padrão.

³ Enunciados extraídos de caixas de cremes alisantes.

difícil encontrá-los nas prateleiras dos supermercados, farmácias, lojas de cosméticos etc.

Atualmente, um movimento que surgiu nos Estados Unidos tem feito a cabeça das mulheres aqui no Brasil: o *transition* (transição. Ressaltamos que, embora as mulheres deste movimento usem seu cabelo natural, como acontecia no *black power* elas evitam qualquer questão relacionada a esse movimento, pois não consideram o *transition* como algo político). Diversos vídeos publicados no canal *youtube* mostram como muitas mulheres que possuem o cabelo crespo estão abandonando o cabelo quimicamente tratado. Um vídeo publicado no dia 01 de junho de 2012 mostra o drama vivido pela cineasta Zina Saro-Wiwa que, tirou o aplique e raspou a cabeça para saber o que algumas mulheres estavam vivendo com a transição, no início do vídeo ela diz: *Estou raspando a cabeça para uma instalação em vídeo, pretendo voltar ao visual que tive durante vinte anos em algumas semanas com apliques e tranças...*

Esse vídeo teve uma grande circulação no Brasil e incentivou mulheres que passavam por este momento a fazer filmes e postar na *internet*.

Sete meses depois que Zina raspou a cabeça, seu cabelo já estava com um tamanho que seria possível colocar o aplique, mas ela optou por não fazer isso. Por quê? Pergunta a própria Zina que também responde:

“Porque fui obrigada a encarar o meu cabelo de verdade e fazer isso mudou minha vida. Eu havia, sem intenção, passado por uma transição.”

Ela afirma ainda que: *“Ver meu padrão natural de cachos pela primeira vez foi uma revelação. Ao contrário do cabelo seco e quebradiço que eu acreditava ter. Ele era encaracolado e tinha uma textura deliciosa”*.

Podemos questionar se o cabelo que ela acreditava ter era algo que ela realmente achava ou ela tinha sido interpelada pelos discursos que circulam sobre o cabelo crespo?

Apoiadas nesses discursos que circulam sobre o cabelo crespo, muitas mulheres optam por não assumir seus cabelos. A manipulação química pode ser vista por alguns como uma fragmentação da identidade, sobre essa fragmentação Hall (2011, p. 12) diz que: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas

de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Afirma que: as Identidades homogêneas “[...] estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2011, p. 7). Fala-se do sujeito pós-moderno que “não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2001, p. 13).

Não pretendemos, neste trabalho, discutir se há ou não uma fragmentação. Apresentamos a opinião de um pesquisador dos Estudos Culturais que traz um olhar diferente daqueles que acreditam que possa haver uma identidade homogênea.

A busca por um determinado padrão de beleza torna alguém com a fragmentação identitária? Essa é uma questão que provoca certa reflexão e que pode ser respondida em um trabalho posterior.

5 O PAGODE DA BAHIA

O termo genérico “pagode” remete a uma rede de significados histórico-culturais originário do samba e dos batuques de herança africana no Brasil. Enquanto estilo musical refere-se às suas várias facetas, tendo em vista que esse gênero sofreu modificações ao longo do tempo na música popular brasileira e caracteriza-se como um produto cultural hibridizado situado entre o local e o global. O termo pagode é também usado com referência à idéia de socialização e espetáculo, à dança e a diversão, aos espaços onde ele acontece, as identidades, origens e tradições. (NASCIMENTO, 200-? p. 1)

Na década de 90, com o grupo É o Tchan que o pagode baiano ganhou espaço em todo o país. A partir disso, o número de bandas desse gênero musical começou a crescer em diversos estados do Brasil.

Na Bahia, especificamente em Salvador, todo bairro tem uma banda de pagode, na maioria das vezes, as letras de música mostram a realidade enfrentada por aqueles que vivem no gueto, na favela ou na comunidade. Alguns exemplos são:

- a) Psirico com a música *firme e forte* que retrata um morador vendo sua casa desabar, pois mora na encosta.

- b) Parangolé com *favela*, em que o refrão “favela é favela, favela eu sou favela” mostra o orgulho de pertencer a esse lugar que é posto à margem da sociedade.
- c) Fantasmão com *é massa* que mostra o que é ser massa falando da Bahia, do catador de latinha e do vendedor de cerveja.

Entre outras que trazem uma letra com duplo sentido (relacionando com o sexo), sobre as marcas de roupa ou acessórios caros, sobre o corpo feminino, sobre o corpo negro. Sobre esse último que abordaremos no próximo item que falará exclusivamente do lugar do cabelo crespo no pagode baiano.

6 O CABELO CRESPO NO PAGODE BAIANO

Ressaltamos que a escolha para se trabalhar com esse gênero não significa qualquer tipo de preconceito, temos consciência de que os discursos que circulam nas letras de pagode podem estar presentes em qualquer outro ritmo, como, de fato, está. A escolha por esse gênero se deu por ele está tão presente no cotidiano das pessoas que estão à margem da sociedade, pelo seu público e seus artistas serem, na maioria, da favela e, sobretudo, por serem negros.

Para exemplificar como a imagem do cabelo crespo é vista, apresentaremos três letras de pagodes são elas: Pranchinha – Fantasmão; Escovadinha – Psirico; Vaza Canhão – Black Style.

Pranchinha

Fantasmão

Pranchinha, Pranchinha

Pran, Pran, Pran, Pranchinha

Ô Pranchinha ...

Pra passar no cabelo e ficar bonitinha

A menina de cabelo duro tá embaraçado não quer pentear (x2)

A solução estar nas minhas mãos pega a Pranchinha para melhorar (x2)

*Pranchinha, Pranchinha
Pra passar no cabelo e ficar bonitinha...*

Na letra apresentada acima, temos o cabelo crespo (chamado de duro) como algo que precisa ser melhorado, precisa de uma solução, assim aparece como símbolo para tornar esse cabelo melhor e para que a menina fique *bonitinha*, a pranchinha. Essa visão do cabelo crespo como ruim e feio também pode ser visto na música a seguir:

Escovadinha

Psirico

*Escova, escova, escova oh dá uma escovadinha (bis uma vez)
Oh menina bonitinha do cabelo duro,
Compre um alisante pra ficar legal
Se o alisante não der jeito nele
O Psi vai mostrar como vai melhorar
Escova, Escova, Escova
Oi dá uma escovadinha
Escova, Escova, Escova
Oi dá uma escovadinha*

No exemplo acima, podemos verificar que o cabelo crespo, assim como no exemplo anterior, precisa ser melhorado, ou seja, alisado. Para isso, surge como sugestão o alisante, caso esse não solucione o problema “O psi vai mostrar como vai melhorar; Escova, Escova, Escova”. A escova, nesse contexto, é a última solução para o cabelo crespo apresentado como rebelde, feio e sem jeito se tornar melhor.

A última letra de música escolhida é da banda *Black Style* (Estilo Preto, em português). O curioso é que esta banda “Estilo Preto” traz a imagem de uma mulher negra da seguinte maneira:

Vaza Canhão

Black Style

*Eu conheci uma menina na Internet
Ela me disse que era um verdadeiro avião
Eu marquei um encontro com ela na avenida sete
E quando eu vi a menina pirei o cabeção
Ela tem cara de jaca
Nariz de xulapo (sic)
Estria nas pernas
Bunda de peteca
Perna de alicate
Cabelo de asolã (sic)
[...]*

Embora o texto acima tenha diversos aspectos para se trabalhar, comentaremos os trechos grifados em negrito. O primeiro, de forma superficial: *Nariz de xulapo (sic)*, não encontramos nenhuma definição para esse adjetivo em língua portuguesa, entretanto sabemos que, comumente, utilizam-se dele para fazer referência ao nariz que é mais aberto, achatado. Para reflexão: em linhas gerais, quais pessoas possuem esse tipo de nariz?

O segundo trecho grifado foi: *Cabelo de asolã³ (sic)*, com um novo “adjetivo” o cabelo que antes era bombril⁴ tornou-se assolan. Essa referência ao cabelo crespo com esponja de aço é antiga e, infelizmente, tem resistido ao tempo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto neste trabalho, podemos constatar como é retratada a imagem do cabelo crespo em diferentes segmentos, como foi citado acima: na escola, na rua, nos comerciais de cosméticos e em letras de músicas.

A imagem que, frequentemente, é transmitida influencia diretamente para que os que possuem um cabelo crespo desejem estar no padrão de beleza que é disseminado pela mídia. Como vimos na fala da Zina Saro-Wiwa, a descoberta dos seus cachos foi algo surpreendente. Nós afirmamos que o cabelo que ela acreditava ter não era fruto apenas sua imaginação, mas da influência dos discursos que circulam, historicamente, retratando o cabelo crespo, símbolo da identidade de um povo, como algo ruim, rebelde e feio e que precisa ser transformado em um cabelo

⁴ Marca de esponja de aço utilizada para fazer brilhar peças de aço, alumínio etc.

bom, hidratado e bonito, coincidentemente, adjetivos que são associados a um determinado padrão. O padrão cabelo liso.

Ressaltamos que as letras de músicas utilizadas possuem inúmeras questões que podem ser discutidas, porém como neste trabalho optamos por levantar questões referentes ao cabelo, outras podem ser retomadas num trabalho posterior.

REFERÊNCIAS

COSTA DE PAULA, Rogéria. “NÃO QUERO SER BRANCA NÃO. SÓ QUERO UM CABELO BOM, CABELO BONITO!”: Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000784431>> Acesso em: 24 abr 2012.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. O PADRÃO ESTÉTICO DO NEGRO EM SALVADOR (1980-2005). Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/cassi_ladi_reis.pdf> Acesso em: 25 abr 2012.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>> Acesso em: 19 abr 2012.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>> Acesso em: 10 abr de 2012.

GREGORI, Eduardo. Black sempre será beautiful.

Em: <<http://eduardogregori.com.br/blog/?p=4644>> Acesso em: 15 maio 2012

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MACEDO, Márcio. Quero uma nega do cabelo duro. 2009. Disponível em: <http://www.afroeducacao.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100:quero-uma-nega-de-cabelo-duro&catid=28:artigos&Itemid=110> Acesso em> 10 mai 2012.

MALACHIAS, Rosângela. Cabelo bom, cabelo ruim. 2^a ed. São Paulo: Terceira Margem, 2009. (Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola, 4).

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. “Piriguetes e putões”: representações de gênero nas letras de pagode baiano. Em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST55/Clebemilton_Gomes_do_Nascimento_55.pdf> Acesso em: 03 out 2012

SARO-WIWA, Zina. Disponível em: <<http://nytsyn.br.msn.com/videos/default2.aspx?cp-documentid=d57c7c15-453a-2af4-2ef5-a0a7ee527925>> Acesso em: 19 set 2012.

SILVA, Michel Goulart. 25 curiosidades sobre a escravidão. Disponível em:

<<http://www.historiadigital.org/curiosidades/25-curiosidades-sobre-a-escravidao/>> 23 maio 2012.

Letra da música “Escovadinha” do grupo Psirico. Disponível em: <
<http://letras.terra.com.br/psirico/81056/>> Acesso em: 23 maio 2012.

Letra da música “Pranchina” do grupo LevaNóis. Disponível em:
<<http://letras.terra.com.br/leva-noiz/1339404/>> Acesso em: 23 maio 2012.

Letra da música “Vaza Canhão” do grupo Black Style. Disponível em: <
<http://letras.mus.br/black-style/1053925/>> Acesso em: 23 maio 2012.